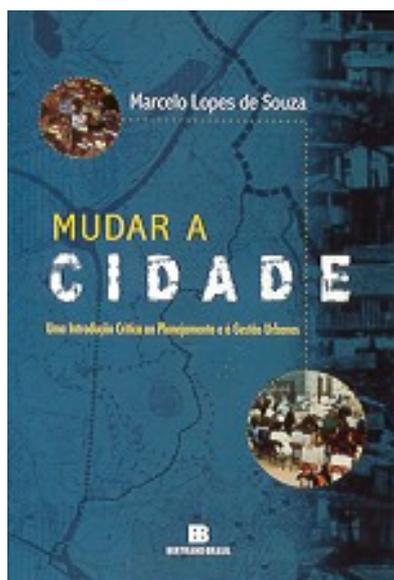


SOUZA, Marcelo Lopes. **Mudar a Cidade – Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Valquíria Soares de Moura

Graduada no Curso de Geografia da Faculdade de Ciências Integradas do Pontal – FACIP
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
valquiriamouraufu@hotmail.com



Marcelo Lopes de Souza é professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), onde coordena o Núcleo de Pesquisas sobre Desenvolvimento Sócio-Espacial (NuPeD), vinculado ao Departamento de Geografia. Foi pesquisador visitante nas universidades de Tübingen (Alemanha) e Londres, além de pesquisador e professor visitante na Universidade Técnica de Berlim. Bacharel e mestre em Geografia (UFRJ) e especialista em Sociologia Urbana (UERJ), doutorou-se em Geografia (tendo como área complementar Ciência Política) na Universidade de Tübingen. Paralelamente às suas atividades de pesquisa e docência, tem assessorado movimentos sociais e prefeituras em temas relacionados com estratégias e instrumentos de transformação das cidades. É autor de dezenas de artigos e capítulos de livros, publicados no Brasil e no exterior, além de sete outros livros. Três de seus quatro últimos livros, *O desafio metropolitano* (com o qual foi um dos agraciados com o Prêmio Jabuti em 2001, na categoria Ciências Humanas e Educação), *Mudar a cidade*, *ABC do Desenvolvimento Urbano* e *A Prisão e a Ágora* foram também publicados pela Bertrand Brasil.

Na obra **Mudar a Cidade – Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos**, o autor propõe a seus leitores uma reflexão sobre a questão urbana no Brasil, os problemas urbanos que só crescem e precisam de opções estratégicas. Souza também ressalta o fracasso da justiça social, acreditando que logo se resultará na reprodução de miséria no futuro e por isso, é importante a urgência de diversos segmentos da sociedade atuar em conjunto para “mudar a cidade”.

No Capítulo 1 a autor aponta que os principais problemas para sistematizar o planejamento urbano são a seleção e a classificação/tipologização. Mais adiante ele fala das dificuldades de construir tal tipologia e seus critérios pois, “a classificação/tipologização é

ainda mais problemática que a seleção. Vários pares de oposição podem ser utilizados e de fato, encontram emprego neste livro: planejamento (e gestão), não-participativo versus participativo, regulatório versus pós regulatório etc.” (SOUZA, 2003 p.118).

O capítulo 2 consiste em uma elaboração de planos para a “cidade ideal” que se preocupa “essencialmente com o traçado urbanístico, com as densidades de ocupação e com o uso do solo” (TAYLOR, 1998 apud SOUZA, 2003). Neste capítulo o autor ainda ressalta o termo “urbanismo modernista”, cujo, acredita-se ser um resultado de uma tentativa de melhor adaptar as cidades à era industrial e, por tabela, às necessidades do capitalismo, sendo assim, a idéia-força central do planejamento físico-territorial.

No 3º capítulo da obra Souza (2003), traz uma revisão da ortodoxia regulatória sobre o planejamento sistêmico e o enfoque racional. O planejamento sistêmico é substantivo e compreende a realidade estruturada em sistemas, já o “enfoque racional” é procedual, onde o debate não gira em torno do objeto, mas sim do método.

O 4º capítulo da obra compreende “As Perspectivas Mercadófilas: os ataques conservadores contra o planejamento regulatório”. Neste ponto o autor explica baseando em Brindley et al. (1989), que o planejamento mercadófilo aborda três subtipos onde “todos três rompem com o espírito regulatório ainda francamente hegemônico nos anos 70, na medida em que deixam de tentar domesticar ou disciplinar o capital para, pelo contrario, melhor ajustarem-se aos seus interesses, inclusive mediatos.”

“O New Urbanism” 5º capítulo da obra, é um termo que surgiu nos Estados Unidos no fim da década de 80. Procura reintegrar componentes da vida moderna em bairros de uso misto compactos, adaptados aos pedestres, unidos pelo sistema de tráfego bem como, ser uma alternativa aos *suburbs*, forma de assentamento de baixa densidade típica do entorno das grandes cidades americanas.

O 6º capítulo intitulado “Desenvolvimento Urbano Sustentável e Planejamento ecológico: avanço, resistência e retrocesso”, de acordo com Souza (2003, p.146) tal termo não é um enfoque homogêneo e menos ainda uma teoria. Sua idéia-força central está no binômio modernização com sustentabilidade ecológica das cidades.

O 7º capítulo tem o objetivo de tratar do “Planejamento comunicativo/colaborativo”. De acordo com Habernas (1981 apud SOUZA, 2003, p. 149), é possível, dentro do contexto do agir comunicativo – o processo de oferecimento e crítica de razões para a aceitação ou rejeição de demandas particulares (particular claims) – chegar-se a acordos voluntários em nome da cooperação. Colaboração se fundamenta em canais de diálogo, superação de preconceito, harmonia e justiça social entre diferentes grupos de interesses.

O “Planejamento Rawlsiano: novos estímulos e velhas ambigüidades” – cap. 8 – possui Shean Mc Connel como fonte de inspiração filosófica. Mc Connel apresenta uma teoria de planejamento, a qual segundo Souza (2003) “acaba justificando certas desigualdades socioeconômicas e pressupõe uma subestimação da extensão em que essas desigualdades sabotam o exercício da liberdade”.

No capítulo 9, Souza (2003) explica que foi no momento da mobilização pela reforma urbana, o chamado “Movimento Nacional pela Reforma Urbana Entre Meados e Fim da Década de 80” que a concepção de reforma urbana amadureceu. Esta por sua vez, diferencia-se, claramente, de simples intervenções urbanísticas, mais preocupadas com a funcionalidade, a estética e a “ordem” que com a justiça social, não obstante ela conter uma óbvia e essencial dimensão espacial. Mais adiante o autor também destaca o plano diretor, aprovado pela Câmara Municipal, que é obrigatório.

O capítulo 10 traz pelo autor Souza (2003) o título de “Planejamento e Gestão Urbanos Críticos Vistos a Partir de uma Perspectiva Autonomista”, este por sua vez, é dividido em dois subcapítulos onde, o primeiro trata da “filosofia política de Cornelius Castoriades e a idéia de autonomia” e, o segundo do “planejamento e a gestão das cidades à luz do princípio de defesa da autonomia individual e coletiva”.

Em “E Fora dos Ambientes Profissionais?” – penúltimo capítulo da obra – Souza (2003) destaca o legado dos ativismos e movimentos sociais urbanos brasileiros e assim, retoma algumas análises contidas em seus trabalhos anteriores sintetizando este tal legado na conscientização e a conquista de direitos sociais; na politização das cidades e por fim, na criação de uma margem de manobra para a humanização do urbano.

Por fim, o capítulo 12 intitulado “Uma Tipologia das Abordagens Atuais do Planejamento e da Gestão Urbanos: quadro sinótico”, Souza (2003) faz uma síntese sobre a forma de uma tipologia, tipos de planejamento mencionados no decorrer da obra.

Recebido para publicação em 06/06/2012

Aceito para publicação em 09/08/2012